

D. Frei Francisco da Assumpção e Brito

— Arcebispo de Gôa —

Hoje que se inaugura oficialmente a Archidiocese Mineira, com a solemne imposição do pallio archiepiscopal pelo Eminentissimo Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro ao Exm. e Rvm. Sr. D. Silverio Gomes Pimenta, primeiro Metropolita da Provincia ecclesiastica de Marianna, creada por S. S. o Papa Pio X em virtude do Dec. da Sagrada Congregação Consistorial de 1.º de Maio de 1906, que começa «*Sempiternum humani*», e do Dec. executivo do Exm. e Rvm. Sr. Nuncio Apostolico do Brasil, D. Julio Tonti, de 8 de Junho do mesmo anno, comprehendendo as dioceses de Goyaz, Diamantina e Pouso Alegre,— é justo que se tire do limbo do esquecimento, onde por fria indiferença, ou antes por criminosa desidia, jazem sepultadas ainda tantas glorias de nossa terra, e se apresente aos contemporaneos a figura veneranda do mais antigo prelado mineiro, D. Frei Francisco da Assumpção e Brito, Bispo de Olinda em Pernambuco, Arcebispo de Gôa na Asia e Primaz do Oriente.

Dentre os varões illustres do Brasil, que nos tempos coloniaes tanto ennobreceram a patria, se destaca esse nosso conterraneo, occupando com incontestavel direito logar saliente: foi elle o primeiro mineiro, e talvez o primeiro brasileiro, que mereceu ser investido de tão alta dignidade na hierarchia catholica pelo Governo Portuguez e pela Côrte Pontificia, porquanto nenhum conhecemos antes d'elle e só muito depois appareceu D. Luiz Antonio Carlos Furtado de Mendonça, Arcebispo de Braga, natural do Rio de Janeiro, formado em canones na Universidade de Coimbra em 1790 e fallecido a 17 de Janeiro de 1832.

No conferir essa distincção, como as demais honras ou cargo de responsabilidade, cumpre ponderar, jamais se mostrou prodiga a metropole com os oriundos da sua vastissima colonia sul-americana; e mister que elles notoriamente se impuzessem por eminentes virtudes e alto saber: verdadeira conquista, que hoje nos auctoriza a lhes perpetuar os nomes, registrando-os com justiça entre os mais notaveis dos filhos conspicios de nossa patria.

No 12.º e ultimo capitulo da «Monographia» do D.º Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos sobre a Capitania de Minas-Geraes, escripta em 1806, assim o fez o auctor; e ahí, sob a epigrapha «Pessoas illustres da Capitania», se lê: «§ 7.— D. Frei Francisco da Assumpção e Brito, da Ordem dos Eremitas calçados de S. Agostinho e Arcebispo de Gôa nos Estados da India, não merece menos por suas virtudes do que por seu alto emprego.» (Rev. do Archivo Pub. Min., anno I fasciculo 3.º, 1896.)

A esse illustre prelado, que foi um dos ornamentos de nosso clero e no estrangeiro soube honrar a terra de seu berço, já lhe prestámos pequena homenagem, publicando n.º «O Mariannense» — de 7 de Abril de 1889 alguns traços biographicos, posto—que em extremo deficientes; hoje, porém, servindo-nos da oportunidade, nos é grato refundil-os completamente com melhores dados e esclarecimentos que, a custo, conseguimos colher em novas fontes de consulta, apesar de ainda não podermos apresentar trabalho condigno, como era de nosso desejo.

Assim, pois, a despeito da sensível deficiencia dos apontamentos, ás mais das vezes truncados, e das divergencias chronologicas que iremos notificando no correr deste escripto, julgamos cumprir o dever patriotico de lembrar aqui aos nossos conterraneos o nome de um dos mais antigos e benemeritos filhos de Minas, quasi desconhecido entre nós, visto hoje atravez de um seculo que já sobre elle pesa e, o que é mais, envolto no trevoso e empoadado manto desse condemnavel olvido, que infelizmente ainda nos caracteriza.

O que sobre elle conseguimos apurar e enfeixado aqui apresentamos, foi por nós cuidadosamente extrahido das poucas noticias fornecidas pelas obras seguintes:

— «Memorias historicas do Rio de Janeiro» por Monsenhor Pizarro (tomo VIII, parte 1.ª, cap. 2.º, pag. 129);

— «Instituições canonicas-patrias», para uso do clero pernambucano, por Mariz (Francisco Soares), Rio de Jan., 1822, pag. 197;

— «Memoria historica e biographica do Clero Pernambucano» pelo P.º Lino do Monte Carmelo Luna (1857), pag. 87;

— «Roteiro dos Bispados do Brasil» e dos seus respectivos Bispos, desde os primeiros tempos colonias até o presente, pelo P.º Carlos Augusto Peixoto de Alencar (Ceará), 1864;

— «A Sé de Olinda», fundada em Direito etc., pelo D.º D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, 1874;

— «Direito Civil Ecclesiastico Brasileiro» pelo Senador Candido Mendes de Almeida;

— «Ephemerides Nacionaes» pelo D.º J. A. Teixeira de Mello, 1881;

— «Diccionario Bibliographico Portuguez» de Innocencio F. da Silva — Supplemento de Brito Aranha, tomo 9.º, pag.º 264 e 265;

— «Diccionario Bibliographico Brasileiro» do D.º Augusto Victorino A. Sacramento Blake, vol. 2.º;

— «Ephemerides Mineiras» de J. P. Xavier da Veiga, 1897;

— «Ephemerides Mineiras» do D.º Nelson C. de Senna (Rev. do Archivo Pub. Min., 1898); e

— «Diccionario de Geographia Universal» por uma sociedade de homens de sciencias, debaixo da direcção de Tito Augusto de Carvalho (Artigo—Gôa).

Dando desde já tão extensa lista dos auctores consultados, cumprimos de boa mente um dever de lealdade e satisfazemos tambem o intuito de evitar, quanto possivel, as repetidas citações dessas obras acima apontadas, ás quaes devemos a parte essencial do presente trabalho.

Todos estes tratados por nós manuscados, á excepção do de Candido Mendes, que não menciona o logar de seu nascimento, dizem ser Frei Francisco natural de Minas Geraes, bispado de Marianna; mas não especificam a localidade nem a data, devendo ser esta entre o primeiro e o segundo quartel do seculo 18.º, como se lê no Diccionario Bibliographico do D.º Blake.

O Sr. Bispo do Rio de Janeiro, porém, affirma ter elle nascido em Marianna; e, para maior clareza, citemos aqui textualmente as palavras de D. Lacerda:

«Si eu quizer servir-me de relações pessoas, direi que em Minas Geraes, que eu considero meu segundo paiz natal, onde passei a maior parte e a mais feliz e tranquilla de minha vida, nasceu em Marianna o Exm. Sr. D. Frei Francisco da Assumpção e Brito, Bispo de Olinda e depois Arcebispo de Gôa; e em Sabará o Exm. Sr. D. Frei Diogo de Jesus Jardim, Bispo tambem de Olinda, depois transferido para Elvas.» (Opusculo citado, § XXXIX, pag. 60.)

A asserção de D. Lacerda é para nós de grande peso, visto que, segundo nos informaram pessoas competentes, era S. Ex.ª possuidor de mui raros e valiosos documentos, concernentes á historia do bispado e da cidade de Marianna, os quaes colhêra para umas — *Memorias* — em que se occupava, quando Conego da Cathedral e lente de Philosophia e Mathematicas no Seminario menor da mesma cidade. Não chegou S. Ex.ª a publical-as, e talvez nem mesmo a concluil-as, por ter sido nomeado Bispo do Rio de Janeiro, onde depois falleceu a 12 de Novembro de 1890, agraciado com o titulo de Conde de Santa Fé.

Não nos foi de todo possivel descobrir sua filiação, nem a data de seu nascimento, e com pesar vimos baldados todos os esforços e boa vontade que envidamos nesse sentido; tambem ignoramos o logar e a época de seus estudos e de sua sagração sacerdotal: todas essas

lacunas biographicas mereçam desculpadas, pois naturalmente se explicam pelo afastado do tempo e pela provavel mudança do nome que tivera no seculos

D. Frei Francisco já se achava em Portugal e era presbytero professo na Ordem dos Eremitas calçados de S. Agostinho, «geralmente venerado por seu saber e virtudes», como diz o D. Blake, quando a 5 de Outubro de 1771 falleceu em Pernambuco o 8.º Bispo de Olinda, D. Francisco Xavier Aranha, anteriormente Bispo coadjutor e titular de Ferminopolis *in partibus infidelium*, natural de Aranches em Portugal; foi elle nomeado seu successor pelo rei D. José I em 1772 e confirmado pela bulla do Papa Clemente XIV de 15 de Março tambem de 1772; sagrado na igreja do seu convento, tomou posse do bispado por seu procurador, o Conego Manoel Garcia Velho do Amaral, a 5 de Dezembro desse mesmo anno de 1772, segundo o P. Lino do Monte Carmelo, e não em 1773 como dão outros, o que adeante se confirma pela data da nomeação do seu successor.

São essas as datas mais geralmente acceitas. Não deixa, porém, de ser curiosa a seguinte confusão, que encontramos no «Roteiro dos Bispados do Brasil», onde se lê:

«Foi nomeado, segundo Mariz, no anno de 1773 no reinado de D. José I e confirmado, segundo Honorato, no pontificado de Clemente XIV no anno de 1772, o que não é possível, visto como a nomeação é que precede a confirmação, e não esta aquella: donde claramente se conhece que houve engano em um dos dous escriptores.»

D. Frei Francisco da Assumpção e Brito foi o primeiro brasileiro nomeado para a cadeira episcopal de Olinda e, na ordem de successão, foi o 9.º bispo de Pernambuco, segundo o D. Teixeira de Mello, Senador Candido Mendes, P. Peixoto de Alencar e outros, posto que Monsenhor Pizarro, em outros pontos bem informado, o dá em suas «Memorias» como o 8.º. Quanto á verdadeira successão dos bispos de Pernambuco, merece ser lida a ephemeride de 19 de Julho de 1819 do D. Teixeira de Mello, que a nosso vêr deixa elucidada a controversia que se encontra em varios auctores.

D. Frei Francisco não chegou a vir ao bispado pernambucano, que apenas governou por seu procurador, visto ter sido elevado pouco depois á dignidade de Arcebispo de Goa, na India, o que se deu em 1773; e, para firmar bem essa data que muito concorre para corrigir outras, devemos registrar aqui, em resumo, os apontamentos alcançados por diligencia de Innocencio F. da Silva sobre o illustre bahiano D. Thomaz da Encarnação da Costa e Lima (no seculo Antonio da Costa Lima), successor de D. Francisco na Sé de Olinda, o qual foi eleito Bispo de Pernambuco em Outubro de 1773, confirmado em 18 de Abril de 1774, sagrado em 29 de Maio pelo Cardeal da Cunha, Arcebispo de Evora, chegou á sua diocese a 30 de Agosto e fez a entrada solemne a 8 de Setembro de 1774. (V. «Dice. bibliog. port.», tomo 7.º, pag. 343.)

D. Frei Francisco recebeu o pallio archiepiscopal a 30 de Janeiro de 1774, segundo as affirmações de Monsenhor Pizarro, o P. Lino e o D. Sacramento Blake; o D. Teixeira de Mello, a quem segue Xavier da Veiga, diz a 30 de Dezembro de 1774, e o Senador Candido Mendes, no «Direito Civil Ecclesiastico Brasileiro», dá para essa solemnidade a data de 30 de Janeiro de 1775: só por dever de lealdade vamos aqui assinalando todas essas divergencias chronologicas.

Neste ponto ha mais outro engano, que devemos rectificar. Lê-se nas «Ephemerides Nacionaes» do D. Teixeira de Mello: «Tambem se suppõe que não foi ao seu arcebispado e falleceu em Lisboa.»

Assim o disse esse minucioso escriptor, firmado provavelmente na auctoridade do P. Carlos A. Peixoto de Alencar, que em seu «Roteiro» já havia dito: «... onde tambem suppõe-se que nunca foi, porque consta que fallecera em Lisboa.»

Porém Monsenhor Pizarro, melhor informado, como tambem o foram Innocencio (Supp. de Brito Aranha), o D. Blake e Xavier da Veiga, afirma em suas «Memorias historicas» que, depois de receber o pallio, elle foi residir alli (em Goa) até que renunciou o arcebispado no dia 1.º de Janeiro de 1783, e voltou para Lisboa, onde ainda vivia em 1807.

Residiu, pois, em Goa durante alguns annos, desempenhando as funcções do seu elevado munus archiepiscopal, como successor de D. Antonio Taveira de Neiva Brum e Silveira, nascido na ilha do Fayal: havia este tomado posse em 1750, e depois de renunciar o arcebispado fallecera na viagem para Portugal a 2 de Junho de 1775; ignora-se a data de sua renuncia, de que tambem não falla Innocencio, nosso guia neste particular.

A «muito nobre e sempre leal cidade» de Goa, o vasto emporio do commercio no oriente, outr'ora tão florescente, populosa e rica, e para nós o longinquo theatro das elevadas funcções ecclesiasticas do nosso conterraneo, bem merecia aqui breve noticia historico-geographica; mas limitar-nos-emos a esboçá-la apenas, principalmente sob o aspecto que mais de perto diz respeito ao assumpto de que vamos tratando.

Junto á costa occidental do Hindostão, tambem chamada de Malabar, quasi nos confins do Decão e Canará se acha a ilha de Goa, que mede tres leguas de comprimento e uma de largura, tendo sete e meia de contorno, com duas barras feitas por dous esteiros, de que é torneada. Nessa ilha está situada a celebre cidade de Goa, conquistada por Affonso de Albuquerque ao Sabayo em 1510; foi durante muito tempo a capital do vice-reinado portuguez das Indias, sede de um bispado e depois de um arcebispado com cabido primacial; de-

pois da chegada dos Ingleses, assolada por uma epidemia, cahiu em decadencia, contando hoje apenas 4.000 habts.

A nove kilometros ao sul, na embocadura do Mandava, mais tarde se edificou *Padjim* ou Nova Gôa, cuja população sobe talvez a 40.000 hab., e é ainda bom centro de commercio.

O governo portuguez de Gôa comprehende actualmente os territorios de Gôa, Salcete, Din e Damão, com 3.270 kilm. qq. e cerca de 500.000 hab.

Em 1534 foi creado o bispado de Gôa por uma bulla do Papa Paulo III, sob o governo de Nuno da Cunha (1529—1538). — abrangendo então a Africa oriental, desde o cabo Guardafin até o Cabo da Boa Esperança, e a parte da India ao norte do Cranganor.

No governo de Francisco Barreto (1555—1558), foi elevado a categoria da arcebispado pela bulla de 4 de Fevereiro de 1557 do Papa Paulo IV, a instancias da rainha D. Catharina d' Austria, regente do reino na minoridade de D. Sebastião; teve a principio dous bispados suffraganeos: o de Cochim no Hindostão, creado em 1557, comprehendendo a costa do Coronandel desde Cranganor até as bocas do Ganges; o de Malaca (na lado China) e Timor (na Malasia), também creado em 1557, abrangendo a península malaia, os territorios comprehendidos entre Pegu e a China, e as ilhas da Sumatra, Java e Molucas.

Depois lhe foram aggregados mais cinco novos bispados suffraganeos: o de Macão na China, em 1557 o de Funay, o de Meliapor no Hindostão, e os de Pekim e Nankim na China, creados entre 1686 e 1693; cumpre notar que, em vez do de Funay, Giraldes da o de Cranganor na Presidencia de Madras, o qual em 1609 foi elevado a arcebispado *ad honorem*, sendo hoje um vicariato geral do arcebispado de Gôa.

O primeiro (o terceiro) arcebispo de Gôa foi D. Gaspar de Leão, nomeado em 1559; tomando posse em 1560, depois de sete annos de governo renunciou esta dignidade; por morte do seu successor D. Frei Jorge Thomado a 29 de Abril de 1571, o qual havia sido o primeiro bispo de Cochim, foi o mesmo de novo assumpto no solio archiepiscopal fallecendo em Gôa a 15 de Agosto de 1576.

Em 1567—1568 reuniu-se em Gôa o primeiro concilio provincial, que approvou as «Constituições do arcebispado», ahí mesmo, impressas por ordem de D. Gaspar; só mais tarde, em 1810, appareceram outras «Constituições», compostas e addicionadas por D. Antonio Taveira, predecessor de D. Frei Francisco, e corrigidas e accrescentadas por D. Frei Manoel de Santa Catharina, que foi o seu successor, e com approvação do Rvd. cabido da Sé Primacial.

Desde 1567 até 1806 celebraram se em Gôa cinco concilios provinciales, e no ultimo anno referido obteve o respectivo arcebispo o titulo de—*Primaz do Oriente*—, anteriormente Primaz das Indias ou

como ás vezes se lê—*Primaz da India Oriental*: finalmente, seis annos depois constituiu-se a prelasia de Moçambique, separando-se do arcebispado a costa oriental da Africa.

Residem os arcebispos em S. Pedro, pequena ilha perto da *Velha Goa*, residencia do clero portuguez; sua bella cathedral possui, em sumptuoso tumulo enviado de Roma, a preciosa reliquia do corpo incorrupto de S. Francisco Xavier, o grande e incançavel Apostolo das Indias: esse tumulo, lê-se em P. Larousse, é um monumento tão notavel pelo acabado dos detalhes como pela riqueza dos materiaes.

Morrendo esse santo varão, o maior dos Missionarios da Companhia, no dizer do chronista Simão de Vasconcellos, a 2 de Dezembro de 1552, na ilha de Sanchão (China), «em uma pobre choça de ramos e torrões, rota e aberta ás injurias do tempo», ahí mesmo o sepultaram; em Março do anno seguinte, o transportaram para a igreja de N. S. do Outeiro em Malaca, donde em Março de 1554, o trasladaram para Gôa, sendo solememente recebido pelo vice-rei D. Affonso de Noronha com sua corte e cabido da Sé; ahí, depois de tres dias de exposição ao publico, o depositaram num sepulchro de abobada, que se abriu junto ao altar-mor á parte do Evangelho, na igreja do Collegio de S. Paulo: de todas essas solemnidades deixou minuciosa descripção nosso classico P. João de Lucena.

Sob o governo de D. Francisco Guilherme de Sousa 1779—1788, provavelmente no tempo do nosso Arcebispo D. Frei Francisco, fez-se na Sé primacial de Gôa nova exposição do corpo de S. Francisco Xavier, com avultada concurrencia de fiéis.

Renunciando D. Frei Francisco de Assumpção e Brito o seu elevado cargo no dia 1.º de Janeiro de 1783, voltou pouco depois para Lisboa, onde viveu como Arcebispo resignatario viate e cinco annos; foi seu successor, como atraz já deixamos mencionado, D. Frei Manoel de Santa Catharina, que falleceu em Gôa em 1812.

Depois que Napoleão Bonaparte, Imperador dos Francezes, celebrou com a Hespanha o tratado de Fontainebleau, assignado a 27 de Outubro de 1807, pelo qual, declarára extinta a autonomia de Portugal e privada da coroa a Casa de Bragança, dividindo o territorio do reino em tres partes, o general Junot, á frente de uma diviso destinada a invadir Portugal, se poz em marcha na direcção dos Pyreneus. A frota que conduzia a Familia real de Bragança para o Brasil, não podendo no dia 28 de Novembro fazer-se de vela, em consequencia dos ventos ponteiros, só o conseguiu na manhã de 29, recebendo pelo meio dia as ultimas saudações das fortalezas que guardavam a entrada da barra.

Tento Junot pelas nove horas do dia 30 entrado em Lisboa com as suas guardas avançadas, apressou-se para a foz do Tejo afim de obstar a fuga da Familia real; mas apenas conseguiu lobrigar os

navios que bordejavam ao longo da costa, e apresar alguns vasos mercantes que recuaram deante da artilheria das fortalezas. Depois disso, Junot se apossou do porto e da cidade, substituindo em toda a parte a bandeira napoleonica á portugueza; assim, victorioso sem combater, tomou elle posse do reino tão facilmente conquistado. (« C. do Hist. do Brasil » pelo P.^o Raphael Galante S. J., tomo 3.^o).

Achava-se, pois, o reino de Portugal sob o dominio dos Francezes, e já no 1.^o de Fevereiro de 1808 havia o general Junot organizado nova regencia em nome de Napoleão I, quando em 23 de Maio desse anno a junta, denominada dos « Tres Estados », convidou o clero secular e regular para assignar um requerimento em que se pedia ao poderoso Imperador dos Francezes « um rei de sua escolha » para Portugal.

Foi D. Frei Francisco da Assumpção e Brito o primeiro que assignou essa petição, por ser o Arcebispo mais antigo que então se achava na corte, seguindo-se lhe immediatamente o de Lacedemonia.

D. Frei Francisco pouco depois falleceu em Lisboa, já em idade bastante avançada, — a 16 de Dezembro de 1808, e dizem que desastrosamente, cahindo de uma escada na occasião em que ia fechar uma janella da casa em que habitava, na rua da Rosa, chamada então das Partilhas.

Sobre a data de sua morte, ainda é mister desfazer outro engano que corre impresso: e tantos são os erros, controversias e falta de dados positivos a respeito desse prelado, que se torna em extremo difficil, senão impossivel, reconstruir-se hoje sua biographia com taes e tão desencontrados elementos.

« O que, porém, é muito para notar, escreve Innocencio, a quem devemos estes ultimos apontamentos, é que no « Ensaio sobre a Estatistica das possessões portuguezas no Ultramar » de J. J. Lopes de Lima (Conselheiro José Joaquim), continuado por Francisco Maria Bordado, se diz (serie 2.^a, liv. 5.^o, pag. 16), que este Arcebispo morreu em 1780!!!

« Parece incrivel que em obra publicada sob o cunho official, e cujo auctor tivera ao seu alcance os meios de informação, se incorresse nesse inexplicavel *qui pro quo*! Muito haveria aqui por onde alongar a penna, porém comprometti-me comigo a ser mui parco em censuras, no presente volume. Fiquem, pois, no tinteiro as reflexões que vinham de molde para o caso. » (Innocencio F. da Silva, « Dicc. bibliog. port. », Supp. de Brito Aranha).

Resta-nos, finalmente, uma questão bibliographica, que convem ficar de vez elucidada.

A D. Frei Francisco da Assumpção e Brito tem alguns erradamente attribuido a paternidade de um opusculo inedito, que fôra publicado um anno depois de sua morte, sob o titulo de « Entrevista do

ex-abbade Sieyès com o ex-bispo Talleyrand », obra posthuma, etc., continuada ou adaptada ás presentes circumstancias da Europa, Lisboa (na Imp. Régia, 1809, 4.^o de 30 pag.).

Alguns pretenderam, não sei com que fundamento, diz Innocencio, que fosse auctor dessa obra o outro Arcebispo de Goa, D. Frei Manoel de S. Galdino, e firmado nas informações dos que assim o attestaram, a esse a attribui no tomo 5.^o do Dicc., pag. 440.

Mais tarde, porém, um documento que tenho presente e de que farei mais detidamente uso em seu logar, prova que a « Entrevista » fôra escripta pelo P.^o Lourenço Justiniano Osorio, bacharel formado em Theologia e abbade de S. Pedro do Valle, no termo dos Arcos de Val de Vez, arcebispado de Braga, o qual é tambem auctor do poema « Jacobinada ». Si, pois, devemos dar credito ao alludido documento, concluo Innocencio, é fôra de duvida que D. Francisco da Assumpção e Brito não teve a minima parte naquella composição, unica que se lhe attribuiu. (Supp. de Brito Aranha, pag. 264 e 265).

O documento a que acima se refere, é uma carta do P.^o Osorio a um amigo no Rio de Janeiro, de 20 de Outubro de 1815, na qual entre outras revelações diz o auctor: « Compuz então a « Entrevista do ex-abbade de Sieyès com o ex-bispo Talleyrand », que fiz imprimir com o nome do defuncto arcebispo de Goa, para tirar toda a suspeita de que fosse obra de algum vivo: porque os tempos eram perigosos e as cousas estavam em grande confusão, e até mesmo incerteza, e finalmente porque a declaração do meu nome nada influiu no intento da obra. Desta remetto eu tambem a V. Ex.^{cia} o unico folheto que possuo; V. Ex.^{cia} verá que toda ella se dirige a fazer passar Bonaparte por um louco. » (Supp. de Brito Aranha, tomo 6.^o, pag. 317).

E' bom acrescentarmos que o P.^o Osorio, publicando a sua obra como do « defuncto arcebispo de Goa », se referia a D. Frei Francisco, que fallecera a 16 de Dezembro de 1808, e não a D. Frei Manoel de S. Galdino, franciscano reformado da provincia da Arrabida, eleito bispo de Tonkím em 1801, transferido para Macau em 1803, e em 1805 para Goa, como coadjutor e futuro successor de D. Frei Manoel de Santa Catharina, ao qual succedeu effectivamente no arcebispado em 1812, e falleceu em Goa a 15 de Julho de 1831.

Pequeno producto de longas pesquisas, a que de boa mente nos entregamos, eis o que conseguimos apurar sobre o Arcebispo de Goa, D. Frei Francisco da Assumpção e Brito, cujo nome se deve inscrever entre os dos ilhos mais notaveis da antiga Capitania, depois Provincia e hoje Estado de Minas-Geraes.

Barbacena, 6 de Agosto de 1907.

J. C. Soares Ferreira.